

Desde 1990, na Coreia do Sul, data da primeira participação de Angola em Campeonatos do Mundo de andebol sénior feminino, o estatuto das Pérolas de África cresceu a olhos vistos, embora naquela edição tenha terminado no último posto da tabela classificativa, num total de 16 seleções participantes.

Três anos depois, na Noruega, 1993, com igual número de países, a Seleção Nacional obteve a mesma classificação. Na prova co-organizada pela Áustria e Hungria, em 1995, o combinado angolano terminou na 16ª posição e deixou definitivamente o último posto da classificação geral, com 20 nações a discutirem o título Mundial.

Dois anos depois, na Alemanha, as campeãs africanas melhoraram um lugar. Noutra organização conjunta da Noruega e Dinamarca, em 1999, o "sete" nacional "bisou" o 15º posto. Na Itália, 2001, pela primeira vez, sob orientação de um treinador estrangeiro (o búlgaro Pavel Dhznev), a vitória sobre a Roménia (28-27) e as derrotas tangenciais ante Hungria (23-24) e Espanha (28-29) mostraram ao Mundo um novo competidor, e Angola ocupou a 13ª posição.

Na Croácia, 2003, a seleção baixou quatro lugares (17º), e em 2005 na Rússia subiu um (16º). Contra todas as expectativas em 2007, na França, Angola melhorou nove lugares e terminou na sétima posição, a melhor prestação de todos os tempos.

Em 2009, na China, o português Paulo Pereira conduziu as campeãs africanas ao 11º posto, numa prova onde as vitórias sobre a Ucrânia (28-20) e Dinamarca (28-23) foram destaque. No Brasil, em 2011, às ordens de Vivaldo Eduardo o "sete" nacional ocupou a oitava posição, e sob a batuta do mesmo treinador na Sérvia (14º).

Na Dinamarca, 2015, em mais uma campanha mundialista, sob a liderança de um treinador estrangeiro (o também português João Florêncio), a prestação da equipa nacional esteve aquém do esperado, com derrotas ante a Suécia (23-37), Holanda (24-37) e Polónia (27-29).

Sob orientação de Morten Soubak, em 2017 na Alemanha, as campeãs africanas entraram para a quadra lideradas por um treinador de topo, pela primeira vez, campeão do Mundo à frente de uma seleção não europeia (Brasil, em 2013), na Sérvia.

Este facto, por si só, aumentou as expectativas de ver Angola a desafiar, uma vez mais, o poderio dos países do "velho" continente no andebol mundial. Mas, o resultado foi a desilusão, ao ficar no 19º posto da classificação. No Japão, as Pérolas de África voltam a ser comandadas pelo técnico Morten Soubak.

■ HISTÓRICO DE PARTICIPAÇÕES DAS PÉROLAS

Odisseia de Angola chega à Terra do Sol Nascente

Comandadas do seleccionador Morten Soubak ambicionam a melhoria do 19º lugar do Mundial da Alemanha



Teresa Almeida "Bá"
Posição: guarda-redes
Equipa: Petro de Luanda



Amália Pinto
Posição: guarda-redes
Equipa: 1º de Agosto



Helena de Sousa
Posição: guarda-redes
Equipa: 1º de Agosto



Iracelma da Silva
Posição: ponta direita
Equipa: 1º de Agosto



Janeth Santos
Posição: ponta esquerda
Equipa: 1º de Agosto



Vilma da Silva
Posição: ponta esquerda
Equipa: 1º de Agosto



Juliana Machado
Posição: ponta direita
Equipa: 1º de Agosto



Liliana Venâncio
Posição: pivô
Equipa: 1º de Agosto



Albertina Kassoma
Posição: pivô
Equipa: 1º de Agosto



Ruth João
Posição: pivô
Equipa: 1º de Agosto



Magda Cazanga
Posição: lateral esquerda
Equipa: Petro de Luanda



Wuta Dombaxi
Posição: lateral direita
Equipa: 1º de Agosto



Aznaide Carlos "Zica"
Posição: lateral direita
Equipa: Petro de Luanda



Isabel Guialo "Belinha"
Posição: central
Equipa: 1º de Agosto



Natália Bernardo
Posição: central
Equipa: 1º de Agosto



Helena Paulo
Posição: central
Equipa: 1º de Agosto

Treinador
Morten Soubak
Dinamarques

Adjunto
Danilo Júnior
Brasileiro

Fisioterapeuta
Marina Calister
Brasileira

Seccionista
Vilma Lourenço
Angolana

Chefe de delegação
Esperança Furtado
Angolana

■ PRIMEIRA JORNADA

Seleção defronta a Sérvia no Pavilhão Aqua Dome

A Seleção Nacional sénior feminina de andebol defronta hoje às 7h00, (hora de Angola) a similar da Sérvia, em partida referente à primeira jornada do Grupo A, do 24º Campeonato do Mundo, no Pavilhão Aqua Dome, cidade japonesa de Kumamoto.

Rapidez nas transições defesa-ataque, aliada à coesão defensiva e ao ataque organizado podem ser fundamentais, caso as Pérolas estejam determinadas a equilibrarem o jogo, ante um conjunto rápido, bem dotado

no capítulo físico, e que chega ao Japão com maior rodamagem competitiva.

Diferente das campeãs africanas, que por razões de ordem financeira ficaram impedidas de estagiar ou seguir para o país do sol nascente uma semana antes, o combinado europeu além de contar com um volume maior de jogos, disputou recentemente um torneio na Coreia do Sul.

Nona classificada do Mundial de 2017, o combinado europeu é favorito ao

triumfo ante o africano, 19º colocado da tabela. Morten Soubak e comandadas precisam de explorar as fragilidades das oponentes.

Durante a preparação ensaiaram quase todos os cenários possíveis. Hoje, além do cumprimento rigoroso das orientações emanadas do banco, o "sete" nacional precisa de estar concentrado, sob pena de verem as europeias a definirem o ritmo do jogo a seu bel prazer.

Ao combinado angolano aconselha-se o sistema defen-

sivo 5-1, com pressão permanente, que permite alguns roubos de bola e saídas rápidas para o contra-ataque. Com o 6-0, terá maiores dificuldades em travar os remates da linha dos nove metros.

Soubak poderá optar pelo seguinte "sete" inicial: Teresa Almeida "Bá" (guarda-redes), Iracelma da Silva e Vilma da Silva (pontas), Albertina Kassoma (pivô), Magda Cazanga e Aznaide Carlos "Zica" (laterais) e Isabel Guialo "Belinha" (central).

Teresa Luís

■ DOZE ANOS DEPOIS

Sétimo lugar de França é registo épico da selecção

Em 29 anos de participação efectiva, com a estreia em 1990 na Coreia do Sul, o sétimo lugar no Campeonato do Mundo da França, em 2007, continua a ser a melhor prestação da Seleção Nacional sénior feminina de andebol, nos anais da modalidade.

Na época, às ordens do falecido técnico Jerónimo Neto, coadjuvado por Albertino de Oliveira, as campeãs africanas surpreenderam o mundo ao derrotarem em casa as gaulesas. Contra todas as expectativas e muita ousadia à mistura, o "sete" nacional integrou o selecto grupo das dez melhores, onde anteriormente só figuravam equipas do "velho" continente.

Inseridas no Grupo C, na cidade de Lyon, a caminhada das Pérolas começou com derrota frente à Noruega (26-32), depois surgiram os triunfos (33-22) Áustria e (41-20) República Dominicana.

Na etapa seguinte, Angola teve outros desaires diante da Rússia (27-40) e (41-33) Coreia do Sul. Mas o grupo silenciou os adeptos gauleses ao vencer (29-27) a França. Na mesma senda, (34-28) Croácia e (33-25) Macedónia. Nos quartos-de-final, o "sete" nacional perdeu (33-36) ante a Alemanha.

O combinado angolano derrotou (37-36) a Hungria, na decisão do sétimo posto da tabela classificativa. Em dez partidas, Angola somou sete vitórias e três derrotas. No cômputo geral, a seleção marcou 326 golos, dos 592 tentados, 55 por cento de eficácia.

Em 285 golos tentados na linha dos nove metros, 126 foram convertidos, 44 por cento de aproveitamento, nos sete metros, em 31 livres, as jogadoras marcaram 25, com 81 por cento de eficácia. Das 16 atletas convocadas para aquela empreitada, a central Natália Bernardo, cuja estreia no Mundial aconteceu naquele ano, é a única que continua a vestir as cores da seleção.

Do referido grupo, destaque para as antigas internacionais angolanas, Odeth Tavares, Maria Eduardo, Ilda Bengue, Filomena Trindade, Bombo Calandula, Carolina Morais, Nair Almeida, Rosa Amaral, Isabel Fernandes, Marcelina Kiala, Maria Pedro, Elizabeth Cailo, Cristina Branca, Cilizia Tavares e Luísa Kiala.

Marcelina Kiala foi a terceira melhor marcadora, com 72 golos, atrás da alemã Grit Jurack (85) e da húngara Anita Gorbicz (80).

Teresa Luís



O LEITOR PODE VER OS JOGOS DA SELECÇÃO NACIONAL NO MUNDIAL NA TELEVISÃO PÚBLICA DE ANGOLA

DIA-30	Sérvia-Angola 7h00
DIA-2	Angola-Holanda 7h00
Dia-3	Eslovénia-Angola 10h00
Dia-5	Noruega-Angola 12h30
Dia-6	Angola-Cuba 10h00

CALENDÁRIO DE JOGOS DA PRIMEIRA JORNADA

GRUPO A

PAVILHÃO AQUA DOME

ANGOLA-SÉRVIA	7H00
HOLANDA-ESLOVÉNIA	10H00
NORUEGA-CUBA	12H30

GRUPO C

PAVILHÃO OVERAL GYMNASIUM

ALEMANHA-BRASIL	7H00
FRANÇA-COREIA DO SUL	10H00
DINAMARCA-AUSTRÁLIA	12H30

GRUPO D

PAVILHÃO GENERAL GYMNASIUM

MONTENEGRO-SENEGAL	7H00
HUNGRIA-CAZAQUISTÃO	10H00
ROMÉLIA-ESPANHA	12H30

GRUPO D

PAVILHÃO PARK DOME

SUÉCIA-CONGO DEMOCRÁTICO	7H00
RÚSSIA-CHINA	10H00
JAPÃO-ARGENTINA	12H30

24 SELECÇÕES DIVIDIDAS EM QUATRO GRUPOS

Japão é a partir de hoje o “reino” do andebol

Distribuídas em três cidades, país do sol nascente sedia pela primeira vez a prova do calendário da Federação Internacional da modalidade

Teresa Luís

A 24ª edição do Campeonato do Mundo de andebol sénior feminino disputa-se, a partir de hoje até 15 de Dezembro no Japão, com a participação de 24 selecções, divididas em quatro grupos de seis, sob a égide da Federação Internacional da modalidade (IHF).

Três cidades, Kumamoto, Yatsushiro e Yamaga e quatro pavilhões, General Gymnasium, Park Dome, Aqua Dome e Overall Gymnasium acolhem o evento desportivo. Sessenta jogos serão disputados na primeira fase do Mundial, sendo 12 por jornada.

Angola, Congo Democrático e Senegal são os representantes de África. Brasil, Cuba e Argentina (América); Japão, Coreia do Sul, China e Cazaquistão (Ásia); Holanda, Noruega, Sérvia, Eslovénia, Dinamarca, França, Alemanha, Roménia, Montenegro, Espanha, Hungria, Suécia e Rússia (Europa) e Austrália (Oceânia) são os países que disputam a consagração mundial.

Segundo os nove moldes de disputa da IHF, na primeira fase da competição jogam todos contra todos a uma volta. As três primeiras de cada grupo qualificam-se



para a etapa seguinte, com os pontos das primeira fase, e jogam um torneio onde serão encontradas as quatro semi-finalistas.

As outras 12 selecções, com os pontos acumulados, disputam outro torneio para as posições seguintes da tabela classificativa. O vencedor do Mundial apurase directamente para os Jogos Olímpicos de Tóquio'2020.

Desde a edição pioneira do Campeonato do Mundo, em 1957, na Jugoslávia, é a terceira vez que um país asiático acolhe a prova,

depois da Coreia do Sul (1990) e China (2009).

Dezassete duplas de arbitragem vão aujizar as partidas, entre as quais três africanas, nomeadamente Yousef Belkhiri/Sid Ali Hamidi (Argélia), Samir Krichen/Samir Makhoulf (Tunísia) e Yasmina Elsaied/Heidy Elsaied (Egipto). Maria Ines Paolantoni/Mariana Garcia (Argentina), Yufeng Cheng/Yunlei Zhou (China), Davor Loncar/Zoran Loncar (Croácia), Karina Christiansen/Linha Hansen (Dinamarca) e Ignacio Gar-

cia/Andreu Marín (Espanha) também integram a lista.

Charlotte Bonaventura/Julie Bonaventura (França), Maïke Merz/Tanja Schilha (Alemanha), Kiyoshi Hizaki/Tomokazu Ikebuchi (Japão), Bon-Ok Koo/Seok Lee (Coreia do Sul), Cristina Nastase/Simona Stancu (Roménia), Viktoria Alpaidze/Tatiana Berzkina (Rússia), Bojan Lah/David Sok (Eslovénia), Vanja Antic/Jelena Jakovljevic (Sérvia) e Mathias Sosa/Cristian Lemes (Uruguai) completam o grupo de juizes.

EM FUNÇÃO DO NÍVEL COMPETITIVO

Quarteto europeu é forte candidato à conquista do Campeonato do Mundo

Teresa Luís

França (detentora do título), Noruega (vice-campeã), Holanda (medalha de bronze) e Rússia, que mais vezes ocupou o pedestal mais alto do pódio, são à partida candidatas à conquista do Campeonato do Mundo, mercê do desempenho apresentado no Mundial de 2017, na Alemanha e no Europeu de 2018.

As gaulesas, bi-campeãs do mundo, chegam ao Japão com a motivação acima da média. Depois de vencerem (23-21) a edição passada do Mundial, frente à Noruega, em 2018, em casa a França ganhou (24-21) o Europeu diante da Rússia.

Olivier Krumbholz e pupilas ambicionam manter



a senda de vitórias, embora reconheçam a inexistência de competições idênticas. Inseridas no Grupo B, também denominado da "morte", ao lado da Dinamarca, Austrália, Brasil, Alemanha e Coreia do Sul, as

detentoras do título tudo farão para estarem entre as doze melhores, visando as meias-finais.

No país do sol nascente, a Noruega, finalista vencida de 2017, pretende destronar a França. Com o rótulo de

mais tituladas do Europeu, com sete taças, as nórdicas são fortes aspirantes à conquista do troféu. As ordens do islandês Thorir Hergeisson, as norueguesas têm de sobra argumentos técnicos e táticos para brilhar no Japão.

Embora com objetivos modestos, a Holanda também entra nas contas. Depois das medalhas de bronze no Mundial da Alemanha e no Europeu de 2018, as holandesas orientadas por Henk Groener desembarcaram em Tóquio com a missão de melhorar a prestação anterior.

Depois de jogar a final do Europeu diante da França, a Rússia tem a esperança renovada de voltar às grandes conquistas. As russas são as mais tituladas do Mundial, com quatro ceptros.